

CONTRIBUIÇÕES DO MÉTODO DAS BOQUINHAS PARA O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO¹

Autora: *Mayumi Yabe Terao*²

Orientadora: *Maria Angélica Olivo Lucas Francisco*³

Resumo

No Brasil, a história da alfabetização é marcada por mudanças e fracassos no processo do ensino-aprendizagem da leitura e escrita. Para que ocorra a alfabetização é necessário que se desenvolvam simultaneamente as habilidades específicas da escrita (codificação e decodificação), a relação fonema e grafema, o sentido e a função da escrita. Uma das finalidades da escola é efetivar os processos de alfabetização e letramento, organizando uma prática pedagógica para que os alunos aprendam a ler, escrever e utilizar a leitura e a escrita em situações cotidianas. Então, faz-se necessário oportunizar aos futuros professores uma formação inicial acerca da relação entre alfabetização e letramento. Urge a realização de reflexões sobre as características desses processos e suas especificidades, pois, além de serem simultâneos e diferentes, são interdependentes e indissociáveis. Isto requer o desenvolvimento de habilidades específicas de ler e escrever, por meio de práticas sociais de leitura e escrita e da mediação do professor, utilizando-se de diferentes métodos de ensino. Dentre estes, destaca-se o Método das Boquinhinhas, por ser um método multissensorial, que trabalha com a associação fonema/grafema/articulema, reconhecendo-o como um instrumento de apoio para o ensino da leitura e escrita, e para auxiliar o professor no encaminhamento do processo de alfabetização.

Palavras chave: alfabetização; letramento; Método das Boquinhinhas

¹ PDE do Instituto de Educação Estadual de Maringá/PR, 2012

² Psicopedagoga, Especialista em Neuropsicologia, Pedagoga, professora de Fundamentos da Educação no Instituto de Educação Estadual de Maringá.

³ Doutora em Educação, professora do Departamento de Teoria e Prática da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá.

Introdução

O presente estudo tem como objetivo conceituar, diferenciar e refletir sobre os processos de alfabetização e de letramento e também oportunizar aos alunos do curso de Formação de Docentes do Instituto de Educação Estadual de Maringá, o conhecimento do Método das Boquinhas como uma metodologia para auxiliá-los no processo de alfabetização.

No atual cenário escolar brasileiro, depara-se com crianças que não aprenderam a ler e escrever, mesmo tendo passado pelo processo de alfabetização e pelo contato efetivo com vários materiais escritos. As crianças não estão conseguindo relacionar estas habilidades com as práticas sociais. Contudo, este não é uma dificuldade recente, pelo contrário, trata-se de um problema persistente na história da alfabetização no Brasil.

A história da alfabetização, no Brasil, se caracteriza por um movimento complexo de mudanças, com uma realidade marcada pelo fracasso de nossas escolas em ensinar os alunos a ler e escrever. Na atualidade, mesmo com orientações teóricas metodológicas distintas são muitas as dificuldades no processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita. Isto justifica a necessidade de reflexão acerca dos processos de alfabetização e letramento.

A forma adequada de a criança aprender, segundo Soares (2005), sob o ponto de vista pedagógico e psicológico, é que aprenda de forma simultânea todas as habilidades específicas da língua escrita, ou seja, a codificação e a decodificação, a relação fonema (som) e grafema (letra), o sentido e a função da escrita.

Neste sentido, a escola tem a função de organizar o ensino para que os processos de alfabetização e letramento se efetivem de forma sistematizada, oportunizando o contato com diversas práticas sociais de leitura e escrita. Para tanto, é necessário que os professores conheçam tais processos, suas características e suas especificidades. Além de serem simultâneos e diferentes, os processos de alfabetização e letramento são interdependentes e indissociáveis (SOARES, 2004).

Diante desse quadro, o grande desafio da escola é organizar a prática pedagógica para que os alunos, além de aprenderem a ler e escrever,

compreendam, interpretem e utilizem a leitura e escrita nas diversas situações de seu cotidiano. Mediante esse desafio, há necessidade de oportunizar aos futuros professores conhecimento acerca da relação entre os processos de alfabetização e letramento que possam auxiliá-los na sua prática pedagógica, inclusive sobre os métodos de alfabetização.

Conscientes de que hoje, no movimento que busca a reinvenção da alfabetização, Soares (2004) afirma que é preciso conhecer vários métodos de alfabetização, para que se possa dar oportunidade aos alunos do curso de Formação de Docentes, o conhecimento acerca do Método das Boquinhhas, concebendo-o como um instrumento a mais, capaz de auxiliar o professor no encaminhamento do processo de alfabetização. Segundo Jardini (2010), trata-se de um método multissensorial, que trabalha com a associação fonema/grafema/articulema. O Método das Boquinhhas é um método fono-vísuo-articulatório, que utiliza uma abordagem que alia vários *inputs*⁴ neurológicos, auditivos (sons) aos visuais (letras) e aos cinestésicos (boquinhhas).

A experiência de trabalho com o Método das Boquinhhas com crianças em fase de alfabetização tem demonstrado que trata-se de um instrumento de apoio para o ensino da codificação/decodificação da leitura e escrita.

1. O fracasso da escola brasileira em alfabetização e letramento: um problema antigo

A alfabetização é um tema que, de longa data, tem gerado muitos debates no meio educacional. Por isso, costuma-se vincular fracasso no processo de alfabetização e fracasso escolar. Nesse sentido, Soares (2003) confirma que o fracasso em alfabetização nas escolas brasileiras vem ocorrendo, insistentemente, há muitas décadas.

Mortatti (2004) realizou um estudo sobre a história do ensino da leitura e escrita no início do processo de escolarização, a partir da experiência do Estado de São Paulo, e a dividiu em quatro momentos.

⁴ Conforme Michaelis, dicionário prático inglês-português e português-inglês, input significa: entrada, quantidade que entra.

O primeiro momento (1876 a 1890) caracteriza-se pela disputa entre o método João de Deus ou método da palavração, que consistia em iniciar o ensino da leitura pela palavra e depois realizar a análise dos fonemas das letras, com aqueles que defendiam a utilização dos métodos sintéticos (soletração, fônico e silabação).

No segundo momento (de 1890 a meados dos anos de 1920) houve a institucionalização do método analítico, o qual defendia que a leitura deveria ser ensinada pelo “todo” para depois ser realizada a análise das partes. Esse período é marcado pela disputa entre os partidários do método analítico e os que defendiam a utilização dos métodos sintéticos, principalmente o da silabação.

No terceiro momento (meados dos anos de 1920 ao final da década de 1970), após a disseminação e institucionalização dos Testes ABC para verificação do nível de maturidade necessária ao aprendizado da leitura e escrita, passou-se a utilizar os métodos mistos (analítico/sintético) por serem considerados mais rápidos e eficientes. Contudo, perdeu-se o foco da alfabetização, pois o como ensinar ficou dependendo da maturidade da criança, ou seja, as questões psicológicas se sobrepuseram às pedagógicas. Nesse período, iniciou-se a produção de manuais para o professor acompanhar as cartilhas e propagou-se a idéia e a prática do período preparatório com exercícios de discriminação e coordenação viso-motora e auditivo-motora.

O quarto momento (meados da década de 1980 a 1994) é marcado pelas disputas entre os defensores da perspectiva construtivista e os dos testes de maturidade e também dos antigos métodos de alfabetização. Nesse período, medidas sociais e políticas se fizeram necessárias para enfrentar o problema do fracasso e da evasão escolar e propondo, assim, mudanças na educação das crianças no início de sua escolarização.

Segundo Mortatti (2004, p. 70), nesse período, “os diagnósticos e denúncias dos problemas educacionais encontravam sua síntese na constatação do fracasso escolar das camadas populares, que se verificava especialmente na passagem da 1ª para a 2ª série do ensino de 1º grau”. Foram consideradas causas desse fracasso as carências cognitivas, alimentares, culturais e sociais das crianças provenientes das camadas mais pobres da população, apontando-se como solução propostas de educação compensatória. Para a autora:

Os altos índices de repetência e evasão na 1ª série e fracasso na alfabetização passaram, desse modo, a ser entendidos como “produzidos pela escola reprodutora”, caracterizando-se como indicadores da marginalização e/ou expulsão dos diferentes, ou seja, dos que não se ajustavam às normas, inclusive lingüísticas, impostas pela ideologia dominante produzida e salvaguardada por essa instituição. Do ponto de vista de uma escola que se queria democrática, portanto, o fracasso não devia ser imputado ao aluno, mas à própria escola, que não conseguia oferecer condições de permanência digna, nem ensino de qualidade àqueles a quem oferecia a oportunidade de nela entrar (MORTATTI, 2004, p. 71).

Uma das soluções apontadas foi a introdução da teoria construtivista, por meio dos estudos e pesquisas desenvolvidos pela argentina Emília Ferreiro e colaboradores a respeito da psicogênese da língua escrita. Tais estudos foram, à época, considerados como uma proposta que representava uma revolução conceitual no campo da alfabetização.

De acordo com Mortatti (2004), o construtivismo não se constituiu em um novo método de ensino da leitura e escrita,

Ao contrário do que supunham muitos alfabetizadores, o construtivismo veio justamente questionar as concepções até então defendidas e praticadas a respeito desse ensino, em particular as que se baseavam na centralidade do ensino e, em decorrência, dos métodos, dos testes de maturidade e das cartilhas de alfabetização (MORTATTI, 2004, p. 75).

A proposta construtivista enfatiza a forma como a criança aprende a ler e a escrever, aprendizagem esta que pode ocorrer, individualmente, se ela estiver em interação com o objeto de conhecimento, no caso, a língua escrita. Segundo Mortatti (2004), trata-se de uma mudança de paradigma que:

[...] gerou sério impasse entre o questionamento da possibilidade do ensino da leitura e escrita e sua metodização e a ênfase no modo como a criança aprende a ler e a escrever, ou seja, como a criança se alfabetiza. Assim, pode ser considerado alfabetizado aquele que conseguiu compreender (construir para si o conhecimento) a base alfabética da língua escrita (no caso do português) (MORTATTI, 2004, p. 75).

Em entrevista, Soares (2005, p. 02) afirmou que “o construtivismo não propôs métodos, nem tinha que propor, porque sempre se afirmou como uma teoria psicológica e não como uma teoria pedagógica”. É uma perspectiva teórica que objetivou mostrar como a criança aprende, não se voltando, explicitamente, para a questão de como o professor deve ensinar. Trata-se de uma mudança profunda, pois nas concepções anteriores, os professores alfabetizadores tinham um método, utilizavam uma cartilha, acompanhada de um manual que dizia, detalhadamente, o que eles deveriam fazer.

Nas últimas décadas, houve um agravamento da situação descrita anteriormente, pois muitas crianças estão passando pela escola e dela saindo, ao concluir o ensino fundamental e/ou ensino médio, sem dominar a linguagem escrita e sem saber recorrer a leitura e escrita nas mais variadas práticas sociais. Esse problema é evidenciado pelos péssimos rendimentos nos exames nacionais (SAEB⁵, Prova Brasil⁶ e IDEB⁷) e internacionais (PISA⁸) em todas as modalidades de ensino que dependem da leitura e da escrita. Mortatti (2004) comenta os dados de pesquisas que comprovam o quadro descrito:

[...] recente pesquisa realizada pela Unesco e pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) localizam o Brasil em penúltimo lugar, entre 41 países, no que se refere às competências de jovens de 15 anos de idade para leitura, matemática e ciências; e os dados das avaliações do Saeb vêm apontando queda sistemática no aproveitamento dos alunos de 4ª e 8ª séries do ensino fundamental em língua portuguesa e matemática (MORTATTI, 2004, p. 25).

⁵ SAEB – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica. Os resultados do SAEB/Prova Brasil registraram, de 1ª a 4ª série, 175,8 pontos, em 2007, e 184,3 pontos, em 2009, representando um aumento de 8,5 pontos. Apesar dos números mostrarem que houve uma relativa melhora, a meta desejável não foi alcançada.

⁶ A Prova Brasil foi criada em 2005, pelo Ministério da Educação. São avaliados alunos de 4ª e 8ª séries ou de 5º e 9º anos, através de provas de Língua Portuguesa e Matemática, visando melhorar a qualidade de ensino. É uma avaliação complementar ao SAEB e um dos componentes para o cálculo do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).

⁷ IDEB - Os resultados do IDEB 2009 apresentaram a média de 4,6 para as séries iniciais do Ensino Fundamental, 4,0 para as últimas séries do Ensino Fundamental e 3,6 para o Ensino Médio. O objetivo do MEC é de alcançar a média seis, igual aos dos países desenvolvidos até o ano de 2021.

⁸ PISA – Programa Internacional de Avaliação de Estudantes. No ranking geral, entre os 65 países participantes, o Brasil está na 53ª colocação. O baixo desempenho dos jovens de 15 anos fez com que nos mantivéssemos nas últimas posições da lista.

Trata-se de uma nova modalidade de fracasso escolar envolvendo os processos de alfabetização e letramento, marcada pela dificuldade dos professores em encaminhar a prática pedagógica principalmente pela falta de sistematização ao ensinar as crianças a ler e escrever e fazer uso dessas habilidades em práticas sociais.

A hipótese levantada por Soares (2004) é de que a perda da especificidade do processo de alfabetização é um entre os variados fatores que pode explicar essa atual modalidade de fracasso escolar marcado pela desmetodização do processo de alfabetização.

Frente a essas discussões, apresenta-se como desafio, a busca de soluções para encontrar práticas pedagógicas que favoreçam a aprendizagem da leitura e da escrita por parte das crianças, permitindo que elas façam uso dessas habilidades nas mais diversas práticas sociais.

Segundo Soares (2005, p. 07), “o alfabetizador tem de conhecer o objeto da aprendizagem e também o processo pelo qual se aprende esse objeto, a língua escrita. Infelizmente, esses conhecimentos ainda não entraram na formação dos alfabetizadores”. Portanto, é fundamental que os alunos do Curso de Formação de Docentes em nível médio, futuros educadores e alfabetizadores, conheçam todos os componentes que envolvem os processos de alfabetização e letramento.

É fato a afirmação da autora que o alfabetizador é aquele que permite o acesso à leitura e à escrita, conduzindo a criança à conquista do conhecimento e que “nada é mais gratificante, na educação, que alfabetizar uma criança” (SOARES, 2005, p. 08). Para que se alcance tal habilidade, torna-se necessário saber o que é alfabetização, o que é letramento, como estes processos se relacionam entre si e que existe a necessidade de sistematizar o ensino da linguagem escrita.

2. O conceito de alfabetização

Em nosso país, há tempo, tem-se realizado diversos estudos e pesquisas sobre alfabetização no sentido de explicar e buscar soluções para o fracasso escolar brasileiro, segundo Soares (2010a). Contudo, a análise desses estudos e pesquisas tem revelado dados não conclusivos.

[...] são dados que, excludentemente, buscam a explicação do problema ora no aluno, (questões de saúde, ou psicológicas, ou de linguagem), ora no contexto cultural do aluno (ambiente familiar e vivências socioculturais), ora no professor (formação inadequada, incompetência profissional), ora no método (eficiência/ineficiência deste ou daquele método), ora no material didático (inadequação às experiências e interesse das crianças, sobretudo das crianças das camadas populares), ora, finalmente no próprio meio, o código escrito (a questão das relações entre o sistema fonológico e o sistema ortográfico da língua portuguesa) (SOARES, 2010a, p. 14).

Na busca de melhorar a qualidade do ensino, Soares (2003, 2004, 2005, 2010a, 2010b), Mortatti (2000, 2005, 2006, 2007) e Jardini (2010) têm discutido as causas do fracasso escolar e da dificuldade de encaminha, metodologicamente, o processo de alfabetização. Soares (2005), em entrevista ao Jornal do Alfabetizador, ao comentar a respeito da quantidade de pesquisas sobre alfabetização, afirma que:

As pesquisas aumentaram a partir dos anos 80, como decorrência do chamado “Construtivismo”, sobretudo pela influência dos estudos e pesquisas de Emília Ferreiro e de Ana Teberosky sobre o processo de aprendizagem da língua escrita pela criança. Passamos, então, a contar com um número grande de pesquisas, tomando como tema não mais o método de aprendizagem da língua escrita, mas o processo da criança na construção de conceitos sobre a língua escrita. O foco muda do como ensinar para o “como a criança aprende” (SOARES, 2005, p.1).

Esta concepção de alfabetização rejeitou as anteriores que orientavam os métodos sintéticos e analíticos para promover o ensino da leitura e da escrita, amparando-se no uso de cartilhas. Desta forma, segundo Soares (2004), ocorreu uma desmetodização do processo de alfabetização, ou seja, houve um movimento de perda da sistematização e intencionalidade do ato de ensinar as habilidades de leitura e escrita.

Se na concepção tradicional, a criança necessitava de estímulos externos e orientações de professores para aprender a ler e escrever, na visão construtivista, ela passa a ser capaz de construir o conhecimento acerca da leitura e da escrita. A alfabetização passou a ser vista como um processo em construção.

Para Soares (2004) foi um equívoco a compreensão derivada da perspectiva construtivista que considera que a aprendizagem se daria de forma natural, não sendo necessário ensinar as relações grafema/fonema e as finalidades da linguagem escrita. De acordo com a ótica construtivista, o papel do professor seria apenas de oportunizar situações que motivassem o uso da escrita. Assim, o processo de alfabetização ocorreria espontaneamente, a partir do momento em que a criança estivesse em contato com diversos tipos de materiais e objetos que contenham a linguagem escrita. Criticamente, Soares (2003, p. 02) afirma que “ninguém aprende a ler e escrever se não aprender relações entre fonemas e grafemas – para codificar e decodificar. Isso é uma parte específica do processo de aprender a ler e escrever”.

Vale destacar que a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), em 1958, para fins de estatísticas educacionais, passou a definir alfabetizado como aquele que sabe ler, escrever e compreender um trecho curto de um texto simples do cotidiano e analfabeto como aquele que não sabe ler e escrever. Esta posição também contribuiu para ampliar o conceito de alfabetização. Contudo, Soares (2010a, p. 15) considera que:

[...] pedagogicamente atribuir um significado muito amplo ao processo de alfabetização seria negar-lhe a especificidade, com reflexos indesejáveis na caracterização de sua natureza, na configuração das habilidades básicas de leitura e escrita, na definição da competência em alfabetizar.

Para a referida autora, urge definição clara do processo de alfabetização, uma vez que tal conceito sofreu profundas modificações nas últimas três décadas. Soares (2010a, p. 15) salienta que o termo alfabetização “etimologicamente, não ultrapassa o significado de “levar à aquisição do alfabeto”, ou seja, ensinar o código da língua escrita, ensinar as habilidades de ler e escrever”. Contudo, a alfabetização envolve um conjunto de habilidades, sendo caracterizada como um processo complexo,

[...] de uma multiplicidade de perspectivas, resultantes da colaboração de diferentes áreas de conhecimento, e de uma pluralidade de enfoques,

exigida pela natureza do fenômeno, que envolve atores (professores e alunos) e seus contextos culturais, métodos e meios (SOARES, 2010a, p. 14).

Para facilitar a compreensão deste complexo conceito, é necessário esclarecer o significado das palavras alfabetismo, alfabetizado, analfabetismo e analfabeto – termos próprios de uma sociedade grafocêntrica.

No dicionário Aurélio, alfabetismo é “estado ou qualidade de alfabetizado”. Alfabetizado é aquele que “adquiriu o estado ou a condição de quem se apropriou da leitura e da escrita”. Analfabetismo é o “estado ou condição de analfabeto”, e analfabeto é quem não conhece o alfabeto, “que não sabe ler e escrever”.

Os termos, acima citados, pertencem ao grupo semântico da palavra alfabetização. A partir de seus significados, pode-se afirmar que alfabetização é um processo de representação de fonemas em grafemas, de compreensão e expressão de significados através do código escrito. Assim, o processo de alfabetização é, de acordo com Soares (2010a):

[...] levar à aprendizagem não de uma mera tradução do oral para o escrito, e deste para aquele, mas à aprendizagem de uma peculiar e muitas vezes idiossincrática relação fonemas-grafemas, de um outro código, que tem, em relação ao código oral, especificidade morfológica e sintética, autonomia de recursos de articulação do texto e estratégias próprias de expressão/compreensão (SOARES, 2010a, p. 17).

Trata-se, portanto, de um processo complexo e multifacetado de aquisição das habilidades de leitura e escrita.

3. O conceito de letramento

No Brasil, a palavra “letramento” começou a ser usada nos anos 80 por pesquisadores das áreas da Educação e da Linguística. Este termo foi usado pela primeira vez por Mary Kato, em 1986, na obra “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística”. Dois anos depois, apareceu no livro “Adultos não

alfabetizados: o avesso do avesso”, de Leda Verdiani Tfouni e, em 1995, na coletânea de textos “Os significados do letramento”, de Ângela Kleiman, e no livro “Alfabetização e letramento” também de Tfouni.

Segundo Soares (2010b, p. 17), etimologicamente, a palavra *literacy* vem do latim *littera* (letra), com o sufixo – *cy*, que denota qualidade, condição, estado, fato de ser. Ou seja: “*literacy* é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever”. Conforme a autora (2010b, p.18), letramento é “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”.

A palavra letramento surgiu da necessidade de explicar e compreender o ensino e a aprendizagem da leitura e escrita e o analfabetismo. De acordo com Soares (2010b, p. 19), “novas palavras são criadas, ou a velhas palavras dá-se um novo sentido, quando emergem novos fatos, novas idéias, novas maneiras de compreender os fenômenos”. Isto quer dizer que a partir de meados da década de 1980 há uma nova realidade social de que não basta saber ler e escrever, é necessário ir além, saber fazer uso da leitura e escrita de maneira eficaz e questionar os materiais escritos que temos contato no nosso cotidiano. Segundo Mortatti, o termo letramento:

[...] está diretamente relacionado com a língua escrita e seu lugar, suas funções e seus usos nas sociedades letradas, ou, mais especificamente, grafocêntricas, isto é, sociedades organizadas em torno de um sistema de escrita e em que esta, sobretudo por meio do texto escrito e impresso, assume importância central na vida das pessoas e em suas relações com os outros e com o mundo em que vivem (MORTATTI, 2004, p. 98).

O surgimento da palavra letramento ao lado da palavra alfabetização se deu devido à necessidade de mudança na forma de considerar o acesso à leitura e a escrita: da mera aquisição da tecnologia do ler e escrever à inserção nas práticas sociais de leitura e escrita. Esta mudança pode ser observada nas alterações dos critérios utilizados pelo censo para verificar o número de analfabetos e de alfabetizados, pois durante muito tempo era considerado analfabeto o sujeito que não sabia escrever o seu próprio nome. Nas últimas décadas, é considerado analfabeto aquele que não é capaz de ler e escrever um bilhete simples e também

aquele que não tem a habilidade de codificar o seu próprio nome. De acordo com Soares:

Embora essa prática seja ainda bastante limitada, já se evidencia a busca de um “estado ou condição de quem sabe ler e escrever”, mais que a verificação da simples presença da habilidade de codificar em língua escrita, isto é, já se evidencia a tentativa de avaliação do nível de letramento, e não apenas a avaliação da presença ou ausência da “tecnologia” do ler e escrever (SOARES, 2010b, p. 21).

Nesse sentido, o que interessa para o censo é o nível de letramento da população e não o índice de alfabetização, ou seja, busca-se verificar o número de pessoas que não vivem em condição de quem sabe ler e escrever, de pessoas que não incorporaram o uso das práticas sociais da leitura e escrita, de pessoas que não fazem uso de diferentes tipos de materiais escritos, compreendendo, interpretando e retirando informações para seu cotidiano.

O uso da palavra alfabetismo, “estado ou qualidade de alfabetizado”, não é comum, sendo que a palavra analfabetismo, “estado ou condição de analfabeto”, seu contrário, além de familiar é de total compreensão. Mortatti (2004) diz que a palavra de uso mais antigo é analfabeto, remontando ao início do século XVIII. Seu significado se mantém até os dias atuais como aquele que desconhece as letras do alfabeto, que não sabe ler e nem escrever e que não tem instrução primária. Há também um significado pejorativo: ignorante, bronco e rude. No contexto político e social, “o analfabeto é aquele que não pode exercer em toda a sua plenitude os seus direitos de cidadão, é aquele que a sociedade marginaliza, é aquele que não tem acesso aos bens culturais de sociedades letradas” (SOARES, 2010b, p. 20).

Destaca-se que na palavra analfabetismo aparece o sufixo - “ismo”, que significa um modo de proceder como analfabeto, ou seja: analfabetismo é um estado, uma condição, o modo de proceder daquele que é analfabeto. Ressalta-se que nas palavras analfabeto e analfabetismo, há o prefixo grego *a(n)* que significa negação, privação do conhecimento do alfabeto, da leitura e da escrita, da instrução primária.

Soares (2010b, p. 24) afirma que uma pessoa pode ser analfabeta, isto é, não saber ler e escrever, mas pode ser, em determinada medida, letrada.

[...] um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se interessa em *ouvir* a leitura de jornais feita por um alfabetizado, que recebe cartas que outros lêem para ele, se *dita* carta para que um alfabetizado as escreva [...], se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita.

Podemos dizer que esse analfabeto é letrado porque faz uso da escrita, envolvendo-se em práticas sociais de leitura e escrita. A pessoa letrada é aquela capaz de, além de saber ler e escrever, fazer uso frequente e competente da leitura e escrita. Segundo Mortatti (2004) e Soares (2010b), comumente a palavra letrado refere-se àquele que é erudito e versado em letras (literatura, línguas). Já a palavra iletrado surgiu no final do século XIX e significa aquele que não tem conhecimentos literários, que não é erudito, analfabeto, ou quase analfabeto.

Conclui-se que uma pessoa alfabetizada não é necessariamente uma pessoa letrada. Alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever, e letrado é aquele que, além de saber ler e escrever, usa socialmente a leitura e escrita, praticando-as de forma adequada para atender às demandas sociais de leitura e escrita. Decorre daí, a necessidade de esclarecer a relação entre os processos de alfabetização e letramento.

4. A relação entre alfabetização e letramento

No início do processo de escolarização de uma criança a alfabetização e o letramento devem ocorrer de forma simultânea, compreendendo alfabetização como a aquisição da leitura e escrita e letramento como desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita nas práticas sociais.

É importante conhecer e estabelecer as relações entre alfabetização e letramento, pois ambos os processos fazem parte da história do ensino da leitura e da escrita no nosso país. Não podemos separá-los, pois são dois processos

interdependentes e indissociáveis, apesar de distintos, diz Soares (2004). Ela discorre como deve acontecer o desenvolvimento dos processos de alfabetização e letramento:

A alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização (SOARES, 2004, p. 14).

No início dos anos 80, em alguns países desenvolvidos, como os Estados Unidos e a França, foram realizadas avaliações do nível de competência de leitura e escrita da população, cujo resultado demonstrou que, embora estivesse a população alfabetizada, não havia domínio das habilidades de leitura e escrita necessárias para se inserir nas atividades sociais e profissionais. Evidenciou-se que o problema nestes países não estava, segundo Soares (2004), na aprendizagem do ler e escrever (alfabetização), mas no domínio das habilidades de uso da leitura e da escrita (letramento). Nesses países, os problemas referentes a alfabetização e ao letramento foram tratados de maneira independentes, reconhecendo a suas especificidades.

No Brasil, porém, o movimento procedeu de forma contrária, as discussões sobre a importância e necessidades de habilidades para o uso com competência das habilidades da leitura e escrita originaram-se dos problemas relacionados a aprendizagem inicial da escrita e da leitura, questionando-se, desta forma, o conceito de alfabetização.

As discussões sobre letramento, no nosso país, surgiram sempre relacionadas com a alfabetização, o que gerou confusão, sobreposição e fusão dos dois conceitos, e, segundo Soares (2004), um certo apagamento da alfabetização e, conseqüentemente, sua “desinvenção”, ou seja, a perda de especificidade desse processo.

A perda da especificidade da alfabetização é considerada por Soares (2004) como a causa do atual fracasso na aprendizagem e no processo do ensino da língua escrita em nossas escolas brasileira. O fracasso em alfabetização, em nosso país, vem desde antes da década de 80, em que os altos índices de reprovação,

repetência e evasão ocorriam na etapa inicial do ensino fundamental, principalmente, da 1ª para a 2ª série. Hoje, depara-se com uma realidade de altos índices de alunos que permanecem nas escolas e são semi-alfabetizados ou não alfabetizados, mesmo depois de três, quatro, cinco ou mais anos do início do processo de escolarização. Para Soares (2004), pode-se considerar a perda da especificidade como um dos muitos fatores que explicam esta atual realidade marcada pelo fracasso escolar em alfabetização, cuja situação não é nova, vem de décadas atrás, porém, hoje, não se evidencia nas séries iniciais, mas nas séries avançadas.

Diversas causas são indicadas para a perda da especificidade do processo de alfabetização, dentre elas, Soares (2004, p. 09) aponta “a mudança conceitual a respeito da aprendizagem da língua escrita que se difundiu no Brasil a partir de meados dos anos de 1980”. Como causa de natureza pedagógica, a referida autora aponta a organização do tempo da escola, dividido em ciclos, e a progressão continuada seguida da prática da não reprovação.

Além disso, com a implantação do construtivismo, alterou-se a concepção de alfabetização. A criança passou a ser considerada como sujeito ativo no processo de construção da representação da língua escrita. Nos métodos tradicionais, a criança era considerada dependente de estímulos externos para aprender a ler e escrever e na concepção construtivista, passa a ser capaz de, progressivamente, construir a linguagem escrita. Para tanto, seria necessário interagir com a escrita através de materiais que representassem situações reais de uso dessa linguagem, ao invés de textos produzidos de forma artificial como eram nas cartilhas.

Soares (2004) afirma que não se pode negar que com o construtivismo ocorreram mudanças que contribuíram para compreender a trajetória da criança no processo de alfabetização. Contudo, há que se reconhecer que o construtivismo conduziu a alguns equívocos e a falsas inferências que podem explicar a perda da especificidade do processo de alfabetização. Um desses equívocos diz respeito à natureza do objeto de conhecimento em questão. Segundo a referida autora, o construtivismo dirigiu

[...] o foco para o processo de construção do sistema de escrita pela criança, passou-se a subestimar a natureza do objeto de conhecimento em construção, que é, fundamentalmente, um objeto lingüístico constituído, que

se considere o sistema alfabético quer o sistema ortográfico, de relações convencionais e frequentemente arbitrárias entre fonemas e grafemas (SOARES, 2004, p. 11).

Um segundo fato refere-se às dificuldades de ensino e aprendizagem da leitura e escrita que não eram consideradas um problema de ordem metodológica, pois quando se falava em método de alfabetização, relacionava-os com os métodos tradicionais sintético (fônico, silabação) e analíticos (palavração, sentencição, global). Acreditou-se, então, que apenas com o convívio intenso com materiais escritos, a criança seria capaz de, por si própria, descobrir as relações fonema-grafema, e que, interagindo com as várias práticas sociais de leitura e escrita, aprenderia a ler e escrever. Assim, o processo de alfabetização, segundo Soares (2004), foi obscurecido pelo letramento, levando à perda de sua especificidade.

Contudo, Soares considera que dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque

[...] a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita a *alfabetização* - e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita - o *letramento* (SOARES, 2004, p. 14).

A alfabetização, segundo a concepção tradicional, representada pelos métodos analíticos e sintéticos, concebia que o aluno deveria aprender primeiro a decodificar e a codificar para, depois, desenvolver as habilidades de leitura e escrita e a compreensão das funções da escrita. Desta forma, a alfabetização precedia o letramento.

Atualmente, considera-se que a alfabetização não deve preceder o letramento. A referida autora é favorável a conservação dos dois termos, por referirem-se a processos interdependentes, indissociáveis e simultâneos. Contudo, “são processos de natureza fundamentalmente diferente, envolvendo conhecimentos, habilidades e competências específicos, que implicam formas de aprendizagem diferenciadas e, conseqüentemente, procedimentos diferenciados de ensino” (SOARES, 2004, p. 15).

Conclui-se que hoje há a necessidade de recuperar a especificidade da alfabetização; de promovê-la simultaneamente ao processo de letramento, de modo que desenvolva as habilidades de leitura e escrita por meio de práticas sociais de leitura e escrita; de reconhecer que ambos têm diferentes facetas, demandando diferentes metodologias, e de que é necessário a formação inicial e continuada para todos os professores das séries iniciais, a fim de torná-los capazes e competentes para enfrentar o grave problema do fracasso escolar nas escolas.

5. Sistematização do processo de alfabetização

Atualmente, nota-se que as crianças, apesar de entrarem cada vez mais precocemente na escola, não estão aprendendo a ler e escrever, mesmo tendo contato com diversos materiais escritos. As crianças passam pela escola e dela saem ao concluírem seus estudos sem terem domínio da leitura e da escrita e sem conseguirem relacionar estas habilidades com as práticas sociais. Para Mortatti,

A aquisição da leitura e da escrita, por si só, porém, não vem garantindo maior nível de letramento, e, por vezes, nem mesmo essa aquisição está sendo efetivada ou garantida a todos os brasileiros. Pode-se considerar, assim, que a alfabetização e a escolarização, bem como a disponibilidade de uma diversidade de material escrito e impresso, em nosso contexto atual, são necessárias, mas não suficientes, para o letramento, tanto do ponto de vista individual quanto social (MORTATTI, 2004, p.108).

Diante da situação atual do fracasso escolar, é preciso reinventar a alfabetização, diz Soares (2004). Trata-se do movimento de recuperar a especificidade do processo de alfabetização. Segundo a referida autora, “não basta que a criança esteja convivendo com muito material escrito, é preciso orientá-la sistemática e progressivamente para que possa se apropriar do sistema de escrita. Isso é feito junto com o letramento” (SOARES, 2003, p.3).

A metáfora da curvatura da vara serve para entender a necessidade atual de reinventar a alfabetização. A teoria da curvatura da vara, utilizada nos anos 70, é representada por uma vara curvada que precisa ficar reta. Para tanto, é necessário

curvar a vara para o lado oposto, para que em contínuo movimento de pêndulo, ela posicione-se de forma reta. No caso da educação, este movimento vem ocorrendo frequentemente. Temos um antagonismo de concepções, onde há um grupo se opondo ao outro. Um exemplo é quando a vara foi curvada para o lado da perspectiva construtivista, opondo-se aos métodos tradicionais de alfabetização. Tende-se a curvar a vara para o lado oposto para que ela fique reta. Mas é importante saber analisar esse movimento, pois, na atualidade, ele não pode significar uma volta aos métodos de alfabetização tradicionais, nem ao uso da cartilha. Desta forma, não estaria efetivando soluções para o problema do fracasso das escolas em alfabetizar e letrar. Segundo Soares (2003), “[...] não podemos voltar ao que já foi superado. A mudança não deve ser um retrocesso, mas um avanço” (Soares 2003, p. 05).

Nos Estados Unidos, o construtivismo também predominou nos anos 1990, fazendo com que os alunos convivessem de forma total com a língua, mas não aprendessem a ler e escrever. Na tentativa de resolver o problema, cientistas americanos pesquisaram e concluíram que era necessário alfabetizar as crianças trabalhando de forma sistematizada as relações fonema/grafema, cabendo às escolas buscarem métodos que promovessem a aquisição do sistema alfabético, ortográfico e as relações com o sistema fonológico (Soares, 2004).

Outros países, como França, Inglaterra e Canadá, também fizeram estudos sobre a alfabetização e concluíram a necessidade de desenvolver um trabalho na linha do fônico, desde que não houvesse retorno ao método antigo. Pelo fato destes países estarem enfrentando este problema, houve insistência na recuperação da especificidade da alfabetização para garantir a aprendizagem do sistema alfabético/ortográfico e em suas relações com o sistema fonológico.

Com as insatisfações geradas pela implantação em larga escala da perspectiva construtivista e dos desdobramentos decorrentes, iniciam-se movimentos que objetivam reverter o quadro. Surge, então, um movimento que busca resgatar o antigo método fônico. Soares (2003) considera preocupante a utilização deste método para tentar corrigir o problema do fracasso escolar nas escolas em que as crianças não estão conseguindo aprender a ler e escrever e questiona a volta de seu uso referindo-se a ele como:

[...] método do 'casado', em que vinha uma letra de um lado e casava com a letra de outro lado, como aquelas antigas cartilhas fônicas. Mas certamente não é disso que os especialistas estão falando: o que se pretende é voltar a orientar as crianças na construção das relações fonema / grafema. (SOARES, 2003, p. 04).

A alfabetização é um processo de internalização da língua escrita que se efetiva em ambiente escolar por meio do ensino e da aprendizagem sistematizados, nos quais a mediação do professor é essencial. Neste sentido, Mortatti (2004, p.108), afirma que:

Enquanto habilidades e conhecimentos individuais, a leitura e escrita precisam ser ensinadas e aprendidas, e a escola continua sendo uma das agências privilegiadas – mas não a única – para o processo de aquisição da “tecnologia” da leitura e escrita e para a promoção do letramento.

Na concepção tradicionalista, os professores utilizavam-se de um método através da cartilha, mas não tinham uma teoria. Hoje, acontece o contrário; segundo Soares (2003, p. 02), “todos têm uma bela teoria construtivista da alfabetização, mas não têm método. Se antigamente havia método sem teoria, hoje temos uma teoria sem método. E é preciso ter as duas coisas: um método fundamentado numa teoria e uma teoria que produza um método”.

Diante destas constatações realizadas pela autora, faz-se necessário conhecer métodos que venham a contribuir para o processo de alfabetização. Por isso abordaremos, a seguir, o Método das Boquinhas, de abordagem multissensorial, pautado na associação entre fonema/grafema/articulema, reconhecendo-o como um conhecimento importante na formação inicial de docentes para atuar nos anos iniciais de Ensino Fundamental.

5.1 O método das boquinhas

O Método das Boquinhas foi idealizado por Renata Savastano Ribeiro Jardim,⁹ em meados de 1985, e foi desenvolvido em 1995, recorrendo a duas áreas de conhecimento: a Fonoaudiologia e a Pedagogia. A autora afirma que:

O Método Fonovisuoarticulatório, carinhosamente apelidado de Método das Boquinhas, utiliza-se além das estratégias fônicas (fonema/som) e visuais (grafema/letra), as articulatórias (articulema/Boquinhas). Seu desenvolvimento foi alicerçado na Fonoaudiologia, em parceria com a Pedagogia, que o sustenta, sendo indicado para alfabetizar quaisquer crianças e mediar/reabilitar os distúrbios da leitura e escrita. [...] Sua fundamentação encontra-se também nos estudos de Dewey (1938), Vygotsky (1984, 1989), Ferreiro (1986), Watson (1994), entre outros, cujas idéias são resumidas numa percepção holística frente à alfabetização, tendo a visão da linguagem, como ponto focal da aprendizagem (JARDINI, 2010, p. 155).

O Método das Boquinhas adota a abordagem multissensorial, a qual defende a ocorrência de vários *inputs* neurossensoriais os quais favorecem conexões sinápticas¹⁰ em diversas áreas do cérebro. Esse método recorre a estimulações fonológicas, visuais e articulatórias da fala para promover o processo de alfabetização. Em relação ao aspecto articulatório, há preocupação com o traço distintivo de sonoridade provocado pela vibração nas cordas vocais. Os padrões articulatórios do idioma auxiliam na fixação da correspondência fonema/grafema/articulema as quais devem ser treinadas cinesteticamente pelo toque e visualmente observando-se no espelho, usado pelo professor e pelo aluno.

Desta forma, focalizamos a aprendizagem em uma boca concreta que produz o som, que está inserido dentro de palavras significativas, que por sua vez, estarão imersas em frases e textos. Essa abordagem foi baseada nos princípios da Fonologia Articulatória – FAR, que preconiza a unidade fonético-fonológica, por excelência, o gesto articulatório. [...] Assim, o Método das Boquinhas é multissensorial, oralista, fônico e articulatório (JARDINI, 2010, p. 158).

⁹ Doutora pela UNICAMP/Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Departamento Saúde da Criança e da Adolescência, Mestre pela mesma instituição e departamento; Psicopedagoga pela UNICEP/São Carlos; Fonoaudióloga pela UNIFESP/São Paulo. Autora de vários livros e jogos e fundadora do CDDA (Centro de Diagnóstico dos Distúrbios de Aprendizagem), em Araraquara-SP.

¹⁰ Processo de transmissão de informações, de comunicação entre os neurônios e de passagem de sinais.

No processo de alfabetização pelo Método das Boquinhas, o treino da escrita ocorre junto com a aquisição da leitura, mas é dada ênfase à leitura. A escrita é treinada para a fixação do grafema e a orientação espacial. Jardini (2010), ao relatar sua experiência com o referido método, afirma:

O traçado espacial do grafema, com os dedos, na mesa, e o padrão tátil/cinestésico, principalmente em se tratando de oposições de fonemas surdos/sonoros, usando as mãos para sentir a vibração das cordas vocais e para os mais resistentes, um microfone encostado ao pescoço, foram muito exercitados, sempre acrescidos ao trabalho de conscientização dos articulemas boquinhas (JARDINI, 2010, p. 162).

Assim, a criança passa a ler e escrever em vários ambientes, em diversas situações e com o uso dos recursos que possui. O resultado do trabalho com fonemas e da consciência fonológica, segundo a referida autora, promove segurança, eficiência e rapidez na leitura.

Faz-se necessário, entender que a consciência fonológica é a habilidade de refletir sobre o som das palavras faladas, é a percepção e consciência de som das letras dentro da palavra, ausência ou presença, sendo, portanto, indispensável para encaminhar, metodologicamente, o processo de alfabetização. Além desse conceito, é essencial compreender outro conceito caro ao método em estudo: consciência fonêmica.

Trata-se da habilidade de ouvir e perceber as letras, no tempo-espço que elas ocorrem, ou seja, se aparece no começo, no meio ou fim da palavra, favorecendo o processo de aquisição da leitura e escrita. Essa habilidade, durante a alfabetização, deve ser treinada, uma vez que não surge espontaneamente nas crianças. Tanto a consciência fonológica, quanto a fonêmica, são favorecidas pela observação dos movimentos produzidos pela boca, promovendo a consciência fonoarticulatória, afirma Jardini, (2010).

A escrita alfabética é um sistema de escrita gráfica representada por um ou mais fonemas. Para se alfabetizar, a criança deverá compreender a associação fonema/grafema. Desta forma, Jardini (2010, p. 170), propõe que seja explicado “que as letras têm nomes, sons e bocas, mas para se aprender a ler, usamos o seu

som e sua boca (e não o seu nome)”. Para explicar, sugere o uso de uma analogia lúdica e simples:

Explicamos que um animal cachorro é reconhecido cachorro sempre, mas quando ele abre a boca, late /au-au/, este é o seu som. Não vamos ouvir nunca um cachorro latir /cachorro-cachorro/, nem um gato miar /gato-gato/, mas /miaaaau-miaaaau/. Apesar de engraçado e lúdico, essa analogia tem um alto poder de convencimento e leva à compreensão do processo, [da relação entre fonema e grafema] nosso objetivo primordial (JARDINI, 2010, p. 170).

No Método das Boquinhas, a alfabetização é iniciada com a apresentação das cinco vogais, apresentando simultaneamente o fonema/grafema/articulema, ou seja, som/letra/boquinha. O professor oferecerá aos alunos uma grande quantidade de material multissensorial para aquisição e compreensão do uso das vogais dentro das palavras, objetivando atingir a etapa silábica de leitura e escrita, o que configura a compreensão da consciência fonêmica (JARDINI, 2010).

A facilidade da aquisição das vogais justifica-se, segundo a autora, pela constatação de que estas são abundantes na língua portuguesa, apresentam-se em todas as sílabas e seus nomes coincidem com os seus sons. O quadro é diferente no caso das consoantes, pois cada uma tem um nome e um som distinto. Por isso, a autora sugere que:

A partir das vogais assimiladas, apresentam-se as consoantes que formarão sílabas simples, isto é, que não envolvam dificuldades ortográficas, provocadas pela ocorrência de duplos grafemas para um fonema, como os dígrafos, nem onde um fonema possa ser representado por mais de um grafema. Cada consoante apresentada será fixada na família silábica (JARDINI, 2010, p. 189).

A aprendizagem da família silábica significa compreender que é a junção de duas bocas, dois sons e duas letras, ocorrendo nesta situação, a hipótese silábica alfabética de escrita. Segundo Ferreiro (1999, p. 214), neste nível “a criança abandona a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise que vá “mais além” da sílaba”. A criança começa a compreender que a escrita é a

representação do som da fala por meio da combinação de vogais e consoantes em uma mesma palavra.

Em seguida, apresentam-se as consoantes, sempre uma de cada vez. Introduce-se uma nova consoante somente após o domínio da anterior. A sequência é a seguinte: /L/, /P/, /V/, /T/, /M/, /B/, /N/, /F/, /D/, /C/, /R/ inicial, e /RR/ (entre vogais), /G/, /r/ fraco (entre vogais), /J/, /S/ (inicial), /SS/ (entre vogais), /CE-CI/ e /Ç/, /X/, /CH/, /Z/, /S/ (entre vogais). Posteriormente, são apresentados os arquifonemas /ar/, /as/, /an/, /am/, /al/, os dígrafos /NH/, /LH/. Por último, os grupos consonantais /R/ e /L/. Segundo a autora:

Esta sequência foi testada, revisada e retestada e temos mantido-a deste então, com alto grau de sucesso e poucas complicações. A recomendação por esta sequência, na metodologia Boquinha, justifica-se pela posição articulatória das letras, partindo-se de um grau de complexidade de menor para maior, além de se evitar as semelhanças entre letras que provocam trocas fonêmicas (JARDINI, 2010, p. 190- 191).

Necessariamente, diz Jardini (2010), o professor alfabetizador não precisa fazer uso desta sequência, o importante é que faça uso de Boquinhos como uma ferramenta de trabalho, de acordo com sua prática pedagógica, seguindo seu plano de ação. O importante é não perder o foco de som, letra e articulema.

Devido ao fato de que há uma porcentagem de professores que na sua prática pedagógica, não diferenciam os nomes das letras dos sons por elas produzidos, ocorrem distorções e equívocos, acarretando dificuldades, inseguranças e dúvidas no início do processo de alfabetização pelas crianças. Desta forma, a autora acima mencionada ressalta que é importante que o professor:

[...] conheça de maneira simples e prática os sons da fala (fonemas) e suas respectivas Boquinhos (articulemas), bem como os processos de consciência fonológica, fonêmica, processamento auditivo e visual, coordenação visuomotora, orientação visuoespacial e desenvolvimento cognitivo, para que possa promover com segurança o início do aprendizado da leitura e escrita (JARDINI, 2010, p. 166).

A utilização do método, conforme sugerido por Jardini (2010), além de inovar, tem apresentado excelentes resultados pela utilização de metodologia articulatória. Em novembro de 2009, o Método das Boquinhas foi aprovado como Tecnologia Educacional pelo MEC, sendo reconhecido como uma metodologia eficiente para alfabetizar e recuperar a alfabetização, tanto de crianças como jovens e adultos.

6. Formação inicial de professores: uma experiência com o método das boquinhas

A implementação do PDE foi realizada no Instituto de Educação Estadual de Maringá, com as alunas do quarto ano do curso de Formação de Docentes, do período noturno. Delas participaram quatorze alunas, mas no decorrer do processo uma aluna teve que abandonar devido a problemas de saúde (gravidez de risco). Portanto, a análise ora apresentada realizou-se tomando como base de dados as opiniões e reflexões de treze alunas.

Com objetivo de promover reflexões sobre alfabetização e letramento, a implementação, por meio de um curso, iniciou-se conceituando, caracterizando, diferenciando e estabelecendo a relação entre tais processos.

A primeira atividade objetivou verificar o conhecimento das alunas sobre os significados de algumas palavras relacionadas aos conceitos de alfabetização e letramento: alfabetizado, alfabetização, analfabeta, analfabetismo, letramento, letrado, iletrado, alfabetizar.

Após as reflexões acerca do significado desses termos, discutiu-se acerca do processo de alfabetização, sobre o surgimento da palavra letramento e a relação entre alfabetização e letramento, utilizando-se de atividades como a apresentação de uma poesia intitulada “O que é Letramento?”, de autoria de uma estudante norte-americana, de origem asiática, Kate M. Chong, ao escrever sua história pessoal de letramento (Soares, 2010b, p.41), fragmento do filme Central do Brasil e atividades em grupos para estabelecer as diferenças entre tais processos.

Em seguida, foram realizadas discussões sobre a perda da especificidade da alfabetização por meio da análise dos principais equívocos decorrentes da implantação da perspectiva construtivista nas escolas brasileiras ao longo,

principalmente, da década de 1990. Portanto, conclui-se essas discussões com reflexões a partir de questões tais como: Deve-se alfabetizar e depois letrar? ou Letrar e depois alfabetizar? Encerramos tais questionamentos, reconhecendo a necessidade de Alfabetizar letrando.

Após tais reflexões e discussões, foi-lhes apresentado o Método das Boquinhas. Primeiramente, apresentou-se a fundamentação teórica do referido método. Em seguida, promoveu-se, por meio de exercícios práticos, o treino da consciência fonológica/fonêmica/fonoarticulatório.

As vogais foram introduzidas com a apresentação das fotos das boquinhas, treino da pronúncia com a utilização do espelho e atividades de apresentação das vogais, inicialmente em letra de forma maiúscula.

Após a apresentação das vogais, introduziu-se a consoante L, com a explicação do som da letra e seu fonema, em letra de forma e manuscrito. Após, realizou-se a fixação da família silábica correspondente a consoante em estudo e atividades diversas para assimilação da mesma. Em seguida, foram introduzidas as novas consoantes, uma de cada vez, observando-se a mesma sequência da apresentação da consoante L.

Após o término da implementação do PDE, realizou-se uma avaliação com as alunas participantes por meio de seis questões para verificar: se as alunas já conheciam o Método das Boquinhas; qual era a opinião sobre o método; se o tema abordado contribuiu para a sua prática pedagógica; a partir do que aprendeu no curso, como o método poderia ser por ela utilizado; se recomendaria o uso do método para outros educadores e qual a sua avaliação sobre o curso.

Das treze alunas que participaram do curso, duas alunas já conheciam o Método das Boquinhas, pois receberam informações sobre ele ao longo do curso de Formação de Docentes. As demais não o conheciam.

Sobre a opinião acerca do Método das Boquinhas, o consideraram interessante, pois complementou a sua formação docente inicial, tirando suas dúvidas acerca do processo de alfabetização. Observou-se, então, as seguintes respostas dessas alunas:

“Um método muito interessante, pois para mim foi um complemento no curso de Formação de Docentes, um método que jamais será esquecido e sempre que for necessário irei utilizá-lo” (T.S.)¹¹.

“Achei um método muito interessante, pois poderá contribuir para o processo de alfabetização de uma maneira correta, pois a pessoa que será alfabetizada conhecerá o som da consoante e da vogal separadamente e só depois juntará o som das duas letras” (T.M.).

“Eu achei muito interessante, pois facilita o aprendizado de muitos alunos. Muitas vezes os alunos que estão há três, quatro anos nas escolas e não foram alfabetizados, com o método serão alfabetizados com facilidade” (L).

“Muito interessante e de grande valia para o curso que estamos terminando, nos ofereceu um conhecimento que não tínhamos” (M.T.).

Ao perguntar se o tema abordado contribuiu para sua prática pedagógica, a maioria das alunas afirmou que sim, pois lhes deu maior segurança em alfabetizar uma criança, que ajudou não apenas em sua prática pedagógica, mas também em sua vida pessoal, por ser um método diferente e inovador. Os depoimentos das alunas foram:

“Sim, depois de ter aprendido o Método das Boquinhas consegui entender as trocas de fonemas que são muito frequentes na minha turminha do pré [...]; trocas de letras como V/F, P/B, D/T. Enfim, quando meus aluninhos estiverem na fase de alfabetização pretendo ir mais a fundo com eles neste novo método que aprendi” (F);

“Sim, contribuiu, pois ajudou bastante no meu caso que trabalho com crianças de 4 a 5 anos do pré III; me ajudou a entender um pouco mais sobre o desenvolvimento dos meus alunos; comecei a olhar o meu trabalho com outros olhos” (D.O.);

“Sim, pois foi possível observar que às vezes falamos errado ou trocamos letras por não ter aprendido o modo correto. Observo também meus alunos e assim posso corrigi-los e ensiná-los o modo correto. Estou mais atenta e consigo identificar algumas dificuldades na fala” (T.O.).

“Sim, caso eu siga essa área, o Método das Boquinhas será importante; tirou minhas dúvidas pois, eu mesmo tinha trocas de letras. Passarei isso para meus alunos” (M.C.);

Somente uma aluna que não trabalha e nem pretende atuar na área da educação, disse que levará esta experiência para a vida, a fim de aplicá-la no processo de alfabetização de seus filhos ou até indicar para alguém.

Quanto à questão de como o método poderá ser utilizado, as alunas compreenderam que o Método das Boquinhas poderá ser utilizado por crianças em idade pré-escolar e escolar, com jovens, adultos, idosos, com crianças com

¹¹ Ao invés do nome, para não identificar os sujeitos da pesquisa, referimo-nos a eles através das iniciais de seus nomes. Quando há mais de um sujeito com a mesma inicial, acrescentamos, para efeito de distinção, a letra inicial do sobrenome.

necessidades educacionais especiais, com disléxicos, trabalhando com som e imagens e também com criança com deficiência auditiva, através da movimentação dos lábios. Vejamos suas respostas:

“Pode ser utilizado também para alfabetizar crianças especiais, pois através do movimento dos lábios uma criança com deficiência auditiva poder ser alfabetizada” (E.J).

“Boquinhos pode ser utilizada com crianças na fase de alfabetização e também com jovens e adultos que também estão sendo alfabetizados. As crianças que tem maior dificuldade em aprender, Boquinhos possibilita o processo de alfabetização de forma inovadora que vale a pena trabalhar com essas crianças” (F).

“O método pode ser utilizado em crianças desde a pré-escolar, adolescentes, até mesmo com pessoas idosas, onde não foram alfabetizadas ao longo de toda sua vida, crianças com necessidades especiais, disléxicas, problemas na escrita” (A).

Ao serem indagadas se recomendariam o uso do método das Boquinhos para outros educadores, as alunas afirmaram que o recomendariam não só para educadores, mas também para as mães que pretendem auxiliar seus filhos em casa e por considerarem um método excelente, eficaz para tirar as dúvidas e trabalhar com as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem. As alunas responderam da seguinte forma:

“Sim, pois me parece ser um método menos confuso, não misturando letras e sons, que trabalha de uma maneira mais clara, proporcionando ao aprendiz segurança, interesse e clareza em relação à nossa língua que temos tantas palavras, letras e sons semelhantes que confundem a aprendizagem da criança, colocando a mesma em conflito e causando dificuldades ao ser alfabetizado” (D);

“Sim. Eu recomendaria a utilização do Método das Boquinhos para outros, porque é um método diferente e muito interessante de se alfabetizar alguém, um método tão inovador, deve ser passado para frente para que outras pessoas possam utilizar” (T.S.);

“Sim, porque os professores têm que buscar métodos que ajudam o aluno a aprender, e esse método é muito bom, pois ele tira dúvidas, incentiva e cria interesse no aluno a participar da aula” (L.P.);

“Sim, não só para educadores, mas também para as mães que às vezes encontram dificuldades em desenvolver a fala dos filhos, com esse método a criança aprender melhor” (E.J).

“Sim, recomendaria, pois com esse método, acredito que o caminho para alfabetização será mais rápido e eficaz” (T.M.).

Uma aluna afirmou que, inclusive, já recomendou o método para outros educadores:

“acredito que a escola precisa de idéias novas, desapegando do tradicional, trazendo coisas diferentes para os alunos. E Boquinhas, além de ser válido, compreensível, faz com que deixe de lado aquela repetição da BA-BE-BI-BO-BU que insiste em ficar nas escolas” (F).

Na avaliação da implementação sobre o método das boquinhas, as alunas gostaram, ficaram satisfeitas e afirmaram que foi importante conhecer um novo método de alfabetização, que contribuiu muito no processo de formação e que irão colocá-lo em prática em seu cotidiano em sala de aula. Segue o depoimento das mesmas:

“Acredito que esse método é muito bom, veio na verdade para somar com os outros métodos, uma ferramenta a mais para o professor usar na aula, e também na vida pessoal. Eu estou muito feliz pela oportunidade que tive de participar deste curso e juntar mais este conhecimento aos meus” (E.J.);

“Essa implementação contribuiu muito para minha vida pessoal e social. Acredito que este método veio para inovar a educação. É um método simples, prático e fácil, mas exige conhecimento, pois não pode ser passado de qualquer forma” (A);

“O método é excelente e acredito que é um dos métodos mais produtivos que já conheci. Pois conseguimos ver o resultado após pouco tempo de prática. Acredito que seja um método que todos os educadores deveriam ter conhecimento, pois ajuda na aprendizagem e no entendimento da fala. Assim, o rendimento da aula melhora e as dificuldades seriam trabalhadas e resolvidas”. (M.T.);

“O PDE apresentado aos alunos, pela professora, foi bem coerente e repleto de recursos, pois passou à turma muito conhecimento de maneira clara, objetiva e motivadora, tentando mostrar outro olhar para alfabetizar, um olhar novo com melhorias para a educação” (D);

“Todo educador deveria ter o curso, porque em todas as salas de aula têm alunos com dificuldades na aprendizagem e alguns professores não sabem como lidar com essa situação e acaba prejudicando-os. Com esse método seria uma opção ou até mesmo uma solução” (L.G.);

Pôde-se constatar que há a necessidade de uma formação específica sobre os métodos de alfabetização, pois muitas alunas estavam concluindo o curso de Formação de Docentes e ingressando no mercado de trabalho, inseguras, com dúvidas de como se alfabetizar e também de como realizar um trabalho com as crianças, caso apresentarem alguma dificuldade de aprendizagem.

Na implementação, as alunas demonstraram que conseguiram conceituar o que é alfabetização e letramento e, ao mesmo tempo, refletir sobre a relação entre esses dois processos e suas práticas pedagógicas decorrentes. Após a apresentação do método das Boquinhas, conscientizaram-se de que é importante ter o domínio total de um método para se alfabetizar uma criança.

Diante disso, faz-se necessário o movimento de reinvenção da alfabetização, como uma forma de tentar resgatar sua especificidade, para que ocorra a aprendizagem da leitura e escrita por meio de uma orientação sistemática.

Considerações e recomendações finais

Após a implementação, constatou-se que as alunas do curso de Formação de Docentes do quarto ano, do período noturno, estão concluindo o curso com dúvidas e inseguranças quanto ao processo de alfabetização e letramento.

Para Soares é importante que

[...] a alfabetização se desenvolva num contexto de letramento – entendido este, no que se refere à etapa inicial da aprendizagem da escrita, como a participação em eventos variados de leitura e de escrita, e o conseqüente desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, e de atitudes positivas em relação a essas práticas (SOARES, 2004, p.16).

Nesse sentido, a escola tem a função de organizar o ensino para que os processos de alfabetização e letramento se efetivem de forma sistematizada, oportunizando o contato com diversas práticas sociais de leitura e escrita. Para tal, é inevitável que os professores conheçam tais processos, suas características e suas especificidades.

Dessa forma, evidenciou-se a importância de se conceituar, diferenciar e refletir sobre o processo de alfabetização e letramento e também proporcionar às alunas o conhecimento do Método das Boquinhos como uma metodologia para auxiliá-las no processo de alfabetização. Constatou-se muitas dúvidas quanto aos sons das letras (fonemas) e da escrita (grafema) e observou-se também que algumas alunas cometiam trocas na fala e na escrita e não sabiam como saná-las.

Ao estabelecer a relação fonema-grafema-articulema (som-letra-boquinha), muitas alunas conseguiram entender melhor o processo de alfabetização, ou seja, o processo da aquisição da leitura e da escrita.

Uma vez constatada estas dificuldades, torna-se de suma importância para o desempenho dos futuros professores alfabetizadores, mudanças urgentes na sua formação, visando, assim, melhorar os conhecimentos sobre os diversos métodos de alfabetização.

É importante observar que não importa o método que será utilizado para o processo de alfabetização, mas é imprescindível que o professor alfabetizador esteja seguro e tenha o domínio total do método e da prática que utilizará para alfabetizar uma criança, pois é o que garantirá o sucesso ou fracasso do aluno no processo de alfabetização, ou seja, na aquisição da leitura e da escrita.

Diante desse quadro, o desafio da escola é realizar a organização da prática pedagógica, oportunizando aos alunos, além da aprendizagem da leitura e da escrita, a apropriação da capacidade de compreender, interpretar e utilizar a leitura e escrita nas suas diversas situações do cotidiano. Mediante a esse desafio, há necessidade de proporcionar aos futuros professores conhecimento acerca da relação entre os processos de alfabetização e letramento que possam auxiliá-los na sua prática pedagógica, inclusive sobre os métodos de alfabetização.

Soares (2005) afirma que não se pode falar de um método de alfabetização e, sim, em métodos de alfabetização. Segundo a autora “hoje é preciso ter métodos de alfabetização, não um único método de alfabetização”.

Por fim, Soares (2004) reforça que é necessário rever a formação dos professores das séries iniciais do ensino fundamental, para capacitá-los a enfrentar o fracasso escolar no contexto das escolas brasileiras.

Referências

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

JARDINI, Renata Savastano Ribeiro. **Alfabetização e reabilitação pelo método das boquinhãs**: fundamentação teórica: livro 1. 2.ed. revisada e atualizada – Bauru, SP: R. Jardim, 2010.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da alfabetização**: São Paulo - 1876/1994. São Paulo: Editora UNESP: CONPED, 2000.

_____. **Educação e letramento**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

_____. Letrar é preciso, alfabetizar não basta... mais? In: SCHOLZE, Lia; RÖSING, Tânia M. K. (Org.). **Teorias e práticas de letramento**. Brasília: INEP, 2007. p. 155-168.

_____. História dos métodos de alfabetização no Brasil. Portal Mec. Seminário Alfabetização e Letramento Em Debate, Brasília, v. 1, p. 1-16, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf - Acesso em: 07 nov. 2010.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2010a.

_____. **Letramento**: um tema em três gêneros. 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010b.

_____. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 25, p. 5-17, jan./abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf> . Acesso em: 22 de nov. 2010.

_____. Nada é mais gratificante do que alfabetizar. Entrevista com Magda Soares. Letra A: O jornal do Alfabetizador, Belo Horizonte ano 1, n. 1, abr./maio 2005.

_____. **A reinvenção da alfabetização**. Disponível em <http://www.mec.org.br/biblioteca/artigomagdasoares>. Acesso em: 22 de nov. 2010. Palestra proferida na FAE, UFMG, 26/05/2003, na programação “Sexta na pós”.